

Interrogando a heteronormatividade bioescritura e biopolítica em William Yeats

*Interrogating heteronormativity: bio-writing
and biopolitics in William Yeats*

Raimundo Sousa

*Doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Universidade
Federal de Minas Gerais
raimundo_sousa@terra.com.br*

04

Resumo

As escritas de si – que denomino bioescrituras – revelam sobre a constituição performativa do gênero, na medida em que o autor, ao se constituir biograficamente, constrói-se como um sujeito generizado (*gendered*), em negociação com os ditames da biopolítica. Nessa perspectiva, este trabalho investiga, a partir de registros bioescriturais de William Butler Yeats, como a tensão dilemática do escritor entre a heteronormatividade e a homocultura marcou sua formação pessoal e literária. Apesar de sua obstinação por estabilidade identitária, Yeats desconstrói a noção mesma de identidade e, não obstante seu esforço em ratificar sua heterossexualidade, acaba por desorientar a orientação sexual, uma vez que desmantela oposições binárias supostamente estáveis entre masculinidade e feminilidade, hetero e homossexualidade, pelo trânsito entre polos que a cultura pressupõe como ontologicamente opostos.

Palavras-chave: William Butler Yeats; bioescritura; biopolítica; heteronormatividade

Abstract

The self-writings – I call them bio-writings – reveal about the performative constitution of gender, in that the author, when building himself biographically, constructs himself as a gendered subject in negotiation with the dictates of biopolitics. From this perspective, this work investigates, through bio-written records by William Butler Yeats, how the writer's dilemmatic tension between heteronormativity and homoculture marked his personal and literary formation. Despite his obsession with identity stability, Yeats deconstructs the very sense of identity and, despite his efforts to ratify his heterosexuality, he ultimately disorient sexual orientation as he dismantles supposedly stable binary oppositions between masculinity and femininity, hetero and homosexuality by transiting between poles that culture assumes as ontologically opposed.

Keywords: William Butler Yeats; bio-writing; biopolitics; heteronormativity

Thomas Hobbes, em formulação nevrálgica para a acepção estatal moderna, concebe o poder, encarnado no aparelho de Estado, como um compósito dos micropoderes de seus membros. Para tanto, socorre-se de metáfora somática pela qual antropomorfiza o Estado como um “grande Leviatã [...], que nada mais é senão um homem artificial, embora de maior estatura e força do que o natural, para cuja proteção e defesa foi projetado” (HOBBS, 1651, p. 1¹). Por conseguinte, o funcionamento político do corpo estatal equivaleria, metaforicamente, ao funcionamento biológico do corpo humano:

No Estado, a soberania é uma alma artificial, pois confere vida e movimento a todo o corpo; os magistrados e outros funcionários judiciais ou executivos são juntas artificiais; a recompensa e o castigo [...] são os nervos, que desempenham a mesma função no corpo natural; a riqueza e a prosperidade de todos os membros individuais são a força; *Salus populi* (a segurança da população) é seu objetivo; os conselheiros, mediante os quais tudo quanto se necessita saber é mostrado, são a memória; a justiça e a leis são uma razão e uma vontade artificiais; a concórdia é a saúde; a sedição é a doença; a guerra civil é a morte (HOBBS, 1651, p. 1).

Se a soberania estatal indivisa, epitomizada pelo Leviatã, metaforiza o conjunto de instâncias que a compõe, um simples rearranjo nos termos dessa equação a deslocaria do nível metafórico para o metonímico, numa lógica inversa, porém complementar, em que os corpos corresponderiam metonimicamente à entidade geopolítica enquanto partes conjuntivas cuja somatória a comporia. Desse modo, o funcionamento biológico do corpo humano equivaleria ao funcionamento político do Estado. A atenção para essa dúplici dimensão metafórica e metonímica permite compreender por que a manutenção estatal não prescinde da

¹ Todas as traduções de citações em língua estrangeira são de minha autoria.

gestão sobre a vida humana e, conseqüentemente, por que a governança política moderna se assenta no que Foucault (1976) denomina biopolítica para designar o *modus operandi* do regime de poder emergente na Modernidade como uma espécie de sucedâneo da tanatopolítica.

Fundamentada no ordenamento jurídico romano, em que o *pater familiæ*, auspicado pela *patria potestas* (poder do pai), podia decretar a morte dos dependentes, a tanatopolítica constituía um paradigma societário em que o poder era exercido subtrativamente, pois franqueava ao soberano a apoderação dos bens, da força de trabalho e, no limite, da vida de seus súditos. Todavia, ocorreu na Modernidade uma remodelagem do padrão gestor estatal identificada por Foucault como transição paradigmática da resolução jurídica entre “fazer morrer ou deixar viver” (FOUCAULT, 1976, p. 178) para a decisão biopolítica entre “fazer viver ou rejeitar para a morte”, culminando na sobreposição da potência de morte, característica do poder soberano, pela gestão calculista da vida, apanágio do regime biopolítico (FOUCAULT, 1976, p. 181).

Sob o pressuposto de que o Estado seria tanto mais consistente quanto mais capaz de gerir seus cidadãos, a biopolítica aclimatou aos seus imperativos de governabilidade o método regulatório da pastoral cristã, que gerenciava a conduta dos crentes a fim de supostamente guiá-los à salvação. Sua estratégia de gestão da *bíos* opera em dois epicentros confluentes: de um lado, pauta-se numa anátomo-política do corpo, com vistas à potencialização de suas faculdades produtivas/reprodutivas por meio de técnicas que “asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 1975, p. 139); de outro, sob a premissa de que os corpos, contíguos entre si em um conjunto indivisível, formariam uma coletividade de cuja organicidade dependeria o aparelhamento estatal, assenta-se na regulação da população por meio de políticas demográficas diversas.

Em ambos os polos, o sexo, tomado por Foucault (1976, p. 103) como “chave-mestra” para a compreensão de nossos processos de assujeitamento, tornou-se alvo privilegiado para a intervenção da biopolítica, já que, pelo controle da sexualidade, tanto se disciplina o corpo

quanto se regula a população, seja pela educação sexual das crianças, responsáveis pela continuidade da espécie; seja pelo monitoramento da sexualidade das mulheres, garantidoras da reprodução biológica do grupo; seja pelo controle quantitativo e qualitativo da natalidade; seja, ainda, pela psiquiatrização das “perversões” sexuais supostamente impeditivas do desenvolvimento e perpetuação da sociedade. Cerceado por múltiplos dispositivos de controle, o sujeito foucaultiano constitui, portanto, um efeito das técnicas individualizantes mobilizadas pelos regimes de poder mediante processo de assujeitamento. Contudo, a biopolítica deixa brechas para a resistência operar não apenas como investidora reativa, mas, sobretudo, como sua contraface constitutiva; afinal, segundo Foucault, poder e resistência são campos de força não apenas relacionais mas, sobretudo, interdependentes, pois a tensão entre ambos confere sentido a um e outro:

Onde há poder há resistência e, contudo, ou, melhor, por isso mesmo, ela jamais se encontra em posição exterior ao poder. [...] Elas [as relações de poder] não podem existir senão em acordo com uma multiplicidade de pontos de resistência; estes representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de suporte, de saliência que permite a apreensão. Esses pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder (FOUCAULT, 1976, p. 125-126).

Desse modo, se o sexo constitui o epicentro da biopolítica, não é senão pelo próprio sexo que se deve empreender resistência aos seus dispositivos de assujeitamento; donde a conclusão categórica de Foucault (1976, p. 208): “Será na instância do sexo que devemos nos liberar se, por uma inversão tática dos vários mecanismos da sexualidade, quisermos opor os corpos, os prazeres, os saberes, em sua multiplicidade e possibilidade de resistência, às captações do poder”.

Essa dialética entre poder e resistência, travada, sobretudo, no âmbito da sexualidade, pode ser apreendida no exame da áskesis, isto

é, do modo de subjetivação pelo qual os sujeitos se constituem em observância ou resistência às injunções biopolíticas. Ora, se a sexualidade é instrumentalizada como principal via de atuação da biopolítica, é exatamente pelo exame da subjetivação sexual que podemos perscrutar formas expressivas de resistência operadas nos interstícios das tecnologias disciplinares. Já que um dos dispositivos de controle mobilizados pela biopolítica consiste na patologização das sexualidades “perversas”, porque incompatíveis com o imperativo da reprodutibilidade, as transgressões dos paradigmas heterorreprodutivos são formas de resistência potencialmente significativas.

No entanto, como investigar o processo de *áskesis* e suas tensões constitutivas na literatura, campo no qual este trabalho se inscreve? Dado que a escrita não apenas estetiza como também politiza o corpo enquanto inscrição – ou, melhor, excrição – do Eu (cf. NANCY, 1992), uma possibilidade consiste na análise da forma como o indivíduo se converte em sujeito por meio do que se convencionou denominar “escrita de si”, prática escritural em que o corpo é escrito/inscrito/excrito bio-graficamente. Nesse sentido, parece-me oportuna a analogia entre a *performance* corporal e a *performance* textual. Longe de inscrito biologicamente, o gênero se constitui pela iteratividade de *performances* corporais que, conforme respondem às interpelações dos aparatos disciplinares, ou engendram ilusão de naturalidade, se obedientes à gramática heteronormativa, ou revelam sua contingência como construto social, se capazes de expor como a identidade é engendrada nas e pelas práticas que supostamente a exprimem (BUTLER, 1990). A meu ver, também as

performances textuais, sobretudo as bioescrituras², produzem efeito de gênero na medida em que este, enquanto marcador identitário, opera como elemento estruturante do exercício de construção textual da identidade pela bioficcionalização. Uma vez que definir-se implica, em última instância, narrar-se, as bioescrituras, ao conferirem concretude à abstrata noção de identidade, permitem verificar como o autor-personagem se constrói como sujeito portador de identidade(s) de gênero. Ademais, enquanto práticas sociais, as bioescrituras informam acerca tanto da persona(lidade) enunciativa como do regime de representação em que esta se inscreve.

Numa contemporaneidade sob o signo da pseudoliberação sexual, esse liame entre performatividade de gênero e performatividade escritural é evidenciado na profusão de bioescrituras assinadas por homossexuais. Atenta à rentabilidade mercadológica da cultura LGBTTTTI³, a indústria cultural tem-se empenhado em deslocar homossexuais *do closet para as prateleiras*⁴, onde, encadernados em autobiografias, são inscritos como sucedâneos dos santos medievais numa cultura balizada pela perda de referenciais e, portanto, carente de heróis para consumo.⁵

² Por bioescrituras me refiro a práticas textuais (notadamente autobiografias, memórias, diários e cartas) notabilizadas por operarem na tênue fronteira entre a factualidade e a ficção, convertendo possíveis fatos em artefatos, e construir uma auto-representação do autor-personagem, que, inscrito simultaneamente como sujeito e objeto do discurso, forja uma imagem-de-si mediante convenções enunciativas como a escrita em primeira pessoa. Prefiro o termo a outros já consagrados na crítica biográfica, como autoficção, por colocar em questão a vida, alvo da biopolítica.

³ A sigla designa o grupo heterogêneo, e não raro conflitante, que engloba lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e intersexos.

⁴ O trocadilho tem em vista sublinhar o duplo movimento literal e simbólico de expor em/ao público identidades de gênero heteróclitas aos códigos heteronormativos.

⁵ É significativo que Oscar Wilde e Michel Foucault, dois ícones adotados pela cultura *queer*, sejam referenciados como santos em publicações como *Saint Oscar* (EAGLETON, 1989) e *Saint Foucault* (HALPERIN, 1995).

Se na hagiografia a coragem do asceta em assumir sua orientação religiosa o alçava como exemplo a ser emulado pelos cristãos, em sua congênere secular a galhardia do homossexual em assumir sua orientação sexual o edifica como modelo para identificação introjetiva por aqueles ainda *no armário*. Paralelamente a esse fenômeno – cuja politização de sexualidades dissidentes coexiste com o risco de cooptação pela lógica do espetáculo e consequente obsolescência –, pesquisadores foucaultianos revisitam o último quartel do século XIX, quando da invenção do homossexual como categoria taxonômica, a fim de traçar perfis biográficos dos “pais” simbólicos da homossexualidade, como Oscar Wilde, investigando como o biografado se assume homossexual em negociação com códigos biopolíticos heterocêntricos.

Sem valorar o agenciamento mobilizado pelo *coming out*, interessa-me sublinhar que, dentre outras possibilidades semânticas, o verbo *assumir* comporta três significações distintas – quais sejam, *apropriar-se (de)* (e.g. assumir um cargo), *exibir* (e.g. assumir uma pose) e *revelar(-se)* (e.g. assumir uma orientação sexual) –, das quais a última tem sido investida politicamente na agenda LGBTTTTI como quesito para heroicização. Precisamente porque tal verbo se cristalizou numa acepção confessional cristianizada, em princípio não teria por que investigar, por exemplo, como um heterossexual se assume, uma vez que sua orientação sexual jamais precisou ser mantida em segredo. Todavia, considerando-se a ruptura epistemológica implicada no deslocamento conceitual do gênero, ressemantizado de atributo biológico para construto social, não problematizar a heterossexualidade implica concebê-la como um fluxo natural, distinto da homossexualidade, que, como exceção, seguiria um curso mais sinuoso e problemático. Dada a inscrição daquela como normalidade devido a imperativos biopolíticos como a reprodução biológica, o assumir-se heterossexual não tem sentido na acepção de revelação (de subjetividades recalçadas), mas, se tomado como apropriação e exibição (de paradigmas naturalizados), propicia um exercício desconstrutivista ao expor a identidade de gênero como não mais do que a tomada de posições-

de-sujeito delimitadas pela biopolítica e evidenciar, portanto, que não há orientação sexual pré-discursiva. Ora, uma vez que somos interpelados continuamente a exibirmos *performances* que reiterem nossa alocação em determinada identidade e, portanto, constituímos-nos em certa medida imitativamente, toda formação identitária configura, a rigor, uma modalidade de *camp* – daí o aforismo de RuPaul (1995, p. iii): “você nasce nu; tudo o mais é *drag*”.

Uma forma de problematizar a heterossexualidade como efeito performativo no qual a estrutura imitativa e contingente do gênero também se revela consiste em investigar seu processo de (con)formação tomando como conceito operatório o próprio verbo “assumir”, convencionalmente atrelado ao universo gay/lésbico, e evidenciar como também a heterossexualidade resulta de uma identificação sempre processual, inconclusa e suscetível às contradições constitutivas dos processos biopolíticos de subjetivação. No horizonte desse deslocamento conceitual, procederei ao exame de registros bioescriturais do escritor anglo-irlandês William Butler Yeats com vistas a analisar, na dinâmica tensional entre assujeitamento e resistência, os paradoxos vivenciados pelo escritor na tentativa de “assumir” a heterossexualidade e o modo como os conflitos ocorrentes nesse processo informaram sua criação literária. O fato de Yeats ter escrito diversos volumes autobiográficos e ter vivido numa conjuntura em que a biopolítica se notabilizava pela patologização dos prazeres insubmissos faz do escritor um objeto de estudo instigante para a avaliação do quanto a bioescritura pode revelar sobre os processos de *áskesis* e das contradições aí implicadas. Ao trazer à luz as incongruências encerradas na busca de Yeats pela heteronormatividade, pretendo expor uma faceta desse escritor que tem sido pouco explorada pela crítica literária tradicional e certamente ainda é desconhecida pela maioria dos leitores; afinal, se o bardo, tal como consta nos compêndios de literatura, percorreu itinerário tipicamente heterossexual, flertando com diversas mulheres, apaixonando-se por algumas e, finalmente, casando-se com uma delas, quais problemas de gênero poderiam tê-lo atribulado?

1

Na episteme em que Yeats se situava, a formatação dos códigos de gênero obedecia a uma disjunção conceitual entre os termos *masculinidade* e *hombridade*, na qual o primeiro designava a condição biológica comum a todos os indivíduos do sexo masculino e tinha como antítese ontológica a feminilidade, enquanto o segundo designava a excelência no cumprimento dessa condição e tinha como antítese a efeminação. Dessa distinção qualitativa em que a hombridade transcendia a masculinidade sem deixar, contudo, de lhe ser inerente, decorria que, embora todos os homens possuíssem esta última, nem todos atingiam a primeira, mas poderiam fazê-lo a qualquer tempo em que cumprissem os requisitos que a distinguiam.

Em sua identidade cultural hifenizada, o escritor anglo-irlandês era duplamente interpelado pelo paradigma de hombridade metropolitano, simbolizado pelo colonizador comprometido com o projeto expansionista inglês, e pelo paradigma contrapontual irlandês, metonimizado pelo rebelde nacionalista engajado na luta pela descolonização. Mais do que o dilema entre códigos de gênero consubstanciados em regimes biopolíticos distintos, a inaptidão para um e outro o atribulou desde a infância, quando seu prospecto de se tornar um combatente foi comprometido por sua debilidade física, pois era tão “delicado” e destituído de “músculos” que “possuía uma péssima reputação como lutador” (YEATS, 1915, p. 34; 40). Ainda que as pressões pela adequação de gênero fossem potencializadas no clã familiar, sobretudo pelo pai, instância superegóica que o “aterrorizava” e o “humilhava” por não responder às suas expectativas (YEATS, 1915, p. 33), a literatura lhe permitiria sobrepor a paternidade ideológica (ou o vínculo identificatório da afiliação) à paternidade biológica (ou o vínculo consanguíneo da filiação) e se insurgir contra o pátrio poder ao adotar Rossetti, Shelley e Blake como pais simbólicos. Ao se desvencilhar do autoritarismo fascistóide do pai, que almejava transformá-lo em um másculo homem de ciência, Yeats se libertaria da racionalidade tecno-científica pela contraidentificação tardo-romântica, inserindo-se numa patrilinearidade

anacrônica que o permitia definir-se como “[u]m romântico quando o romantismo estava em sua extravagância final” (YEATS, 1936a, p. 52) e finalmente celebrar, em triunfalismo edípico, que “consegui romper com a influência de meu pai” (YEATS, 1915, p. 102).

Afeito à homocultura vitoriana, Yeats admirava um professor de grego enamorado por um garotinho “com rosto de menina” (YEATS, 1915, p. 45); na mocidade, aprendeu os meandros da sexualidade com um homossexual passivo; já adulto, seu círculo de convivência incluía desde homossexuais enrustidos, como Edward Martyn, a extravagantes, como Oscar Wilde, de que foi um dos maiores defensores (YEATS, 1972). Quando, mais tarde, discutia-se a sexualidade de Roger Casement, foi assertivo ao ponderar que “[s]e Casement fosse um homo-sexual (*sic*), o que importaria?” (YEATS, 1940, p. 128). Mais: um de seus primeiros mentores foi o escritor e ensaísta Walter Pater, cujo esteticismo homoerótico inspirou a homocultura finissecular e cujo romance *Marius the Epicurean* Yeats considerou a única grande prosa do inglês moderno (YEATS, 1940). Mais, ainda: algumas de suas primeiras criações literárias competiram para o mosaico de homotextualidades no painel literário do *fin de siècle*, tais como o romance inacabado *The Speckled Bird*, no qual dois homens mantêm entre si um grau de intimidade “possível apenas a amantes e místicos” (YEATS, 1976, p. 60).

A despeito desses indicadores de resistência ao paradigma heteronormativo, a masculinidade contra-hegemônica de Yeats era incapaz de mitigar seus conflitos de gênero não somente por seguir o contrafluxo da militarização da cultura no pré-Guerra, quando se atrelava a masculinidade ao militarismo em detrimento das artes, mas, fundamentalmente, pelo efeito dos aparatos disciplinares da biopolítica sobre sua subjetividade. Graças à voga científica, que em fins do Oitocentos engendrou um circuito de produção e circulação de tratados médicos e antropológicos sem precedentes, sua homofilia era contraposta pelo temor da degeneração, fomentado pela leitura de expoentes tanto da biologia humana (como Darwin, Huxley e Haeckel) quanto da sexologia (como Nordal, Ellis e Forel). Atravessado pelos discursos médico

e racial, dois bastiões da biopolítica, Yeats repetidas vezes mencionava sua suscetibilidade à exaustão nervosa e, em tom lamarckista, chegava a creditá-la à transmissão hereditária dos caracteres da mãe depressiva: “Começo a me perguntar se tenho e se sempre tive alguma debilitação nervosa herdada de minha mãe”, escrevia em janeiro de 1909, após notar sua “própria forma de excitabilidade” na irmã Lolly, às voltas com “acessos de prolongada melancolia” (YEATS, 1972, p. 156-157). Informado pela eugenia, o escritor identificava no cruzamento disgênico de seus progenitores a predominância dos genes da mãe e, por conseguinte, a inevitabilidade de uma progênie degenerada.

Em torno da crença nessa disposição degenerativa hereditária, Yeats desenvolveu uma insegurança quase neuróide quanto ao seu estado geral de saúde e, especificamente, quanto à sua identidade de gênero, sobretudo após a descoberta da sexualidade. A partir de meados do Oitocentos, a Igreja católica estabeleceu na Irlanda uma austera moralidade sob cujo impacto o ocultamento de informações sexuais era tal que o escritor Sean O’Faolain (1965) confessou ter chegado aos vinte anos sem saber de onde vinham os bebês e Yeats teria igual sorte não fosse o voluntarismo de um garoto que lhe explicou “todo o mecanismo do sexo” (YEATS, 1915, p. 26), provocando-lhe tamanho desconcerto que teve de consultar uma enciclopédia para crer no que ouvira. Sua estupefação se deveu menos ao conhecimento sexual do que à ambiência homoerótica em que este se deu, pois o jovem que o esclareceu “havia aprendido tudo sobre ele [o sexo] com um garoto mais velho, de quem era passivo, [...] e sua descrição [...], como se estivesse contando sobre um fato qualquer da vida física, deixou-me mal durante semanas” (YEATS, 1915, p. 27). A cadeia estabelecida entre o rapaz instruído por outro, que, por sua vez, fora ensinado por um terceiro forma um *continuum* sintomático do modo como, em um arranjo social balizado pela cisão de esferas de gênero, os meninos por vezes se (re)conhecem na intersubjetividade e intercorporeidade com seus pares mediante ritos homossociais (quando não homoeróticos) de transmissão de conteúdo cognitivo (quando não seminal) que franqueiam sua inserção no universo masculino.

Numa de suas formulações mais conhecidas, Foucault afirma que “poder e saber se implicam diretamente um no outro”, de sorte que “não há relação de poder sem a correlativa constituição de um campo de conhecimento, nem qualquer conhecimento que não pressuponha e constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 1975, p. 32). De fato, a biopolítica foi favorecida pelo atrelamento entre saber e poder na medida em que, com a emergência de diversos campos científicos a partir do século XVIII, o biológico recaiu no campo do controle do saber e da intervenção do poder, de sorte que, sob o alibi de se encarregar da vida, a biopolítica deu ao poder acesso ao corpo. Para tanto, foram providenciais a conjunção temporal e a confluência ideológica de práticas reguladoras em princípio desarticuladas, como a perseguição eclesiástica ao sexo recreativo (corpo = pecado), o dispositivo de controle subliminar ao elogio do trabalho pelo modo de produção capitalista (corpo = máquina) e a criação de taxonomias sexuais e raciais, respectivamente, pelos discursos médico (corpo = *corpus*) e raci(al)ista (corpo = signo de diferença racial).

Envolto nessa rede biopolítica que condenava a sexualidade descomprometida com a reprodução racial, Yeats vivenciou seu primeiro orgasmo de modo igualmente traumático, porque assentado em autoidadatismo também heteróclito às diretrizes biopolíticas da masculinidade heteroreprodutiva. Em seu primeiro volume autobiográfico, o escritor registra a descoberta do autoerotismo em tom impessoal, universalizando suas sensações corpóreas pela referência em terceira pessoa: “O grande evento da vida de um menino é o despertar do sexo”, quando “tomará banho diversas vezes ao dia” e, “tendo-se despido, pulará de um lado para outro [...] e mal saberá, e jamais admitirá, que havia começado a sentir prazer em sua própria nudez” (YEATS, 1915, p. 70). Essa ode ao narcisismo, na qual o prazer autoerótico constitui um entretenimento solitário desprendido de culpa, prova-se inverossímil quando contraposta pelos primeiros rascunhos do mesmo texto, publicados postumamente, nos quais Yeats assume um tom confessional típica-

mente rousseauiano em depoimento mais revelador sobre a natureza e implicações da autogratificação genital:

Eu era torturado pelo desejo sexual e vinha sendo há muitos anos. [...] Eu havia me banhado, me deitado ao sol [...] e coberto meu corpo com areia. Logo o peso da areia começou a afetar o órgão sexual, embora, a princípio, eu não soubesse o que era aquela sensação estranha e crescente. Fui descobrir somente com o orgasmo [...]. Dali em diante foi uma luta contínua contra uma experiência que quase invariavelmente me deixava com os nervos exaustos. O sexo normal não me afeta mais do que aos outros homens, mas esse [...] era uma completa ruína. Deixava-me com repulsa por mim mesmo (YEATS, 1972, p. 71-72).

Nessa primeira versão, impregnada de constrangimento, o autor lembra um confitente que, em tom contrito, revela os pormenores de sua ilicitude; porém não à maneira agostiniana: embora na Irlanda a ciência, na contramão da ordem global, não ameaçasse a pastoral pedagógica monopolizada pela Igreja, Yeats, como cristão dissidente, referia-se à masturbação não como pecado, mas como patologia, de modo que seu temor era a degradação antes orgânica que anímica. Sua auto-abjeção evidencia a eficácia dos dispositivos de controle atingida pela internalização da norma pelo sujeito, que se torna censor de si mesmo ao introjetar uma concepção biopolítica de sexualidade fincada na dicotomia normal/patológico. Ao creditar sua exaustão nervosa aos hábitos masturbatórios, o memorialista reproduz preconceitos do discurso médico, para o qual o sêmen, fluido vital, deveria ser gasto com o propósito único da reprodução biológica da espécie, dado que seu dispêndio excessivo seria danoso a todo o organismo. Além disso, o “auto-abuso”, ao demandar intenso esforço mental, não só arruinaria o sistema nervoso como redundaria em esgotamento generalizado, e o onanista, física e moralmente débil devido ao abandono à impudícia, tornava-se efeminado e poderia, inclusive, transformar-se em homos-

sexual – já que a medicina pressupunha relação cumulativa na qual um vício desencadeava outro e, portanto, o onanista era um homossexual em potência (MOSSE, 1985).

Sob impacto do discurso médico, Yeats, ao rememorar sua crise nervosa ocorrida no verão de 1897, mencionava brevemente, em seu terceiro volume autobiográfico, que sua frustração amorosa era tal que seus nervos “tinham sido destruídos” (YEATS, 1936a, p. 19). Novamente, a narrativa suplementar traz à luz as rasuras da versão oficial, já que, livre das pressões que circunscrevem os limites do narrável, aqui o escritor atribui sua crise nervosa à prolongada abstinência sexual e à masturbação como malsucedida tentativa de dar vazão a pulsões sexuais repressadas:

Foi uma época de grande tensão pessoal e tristeza. Desde que minha amante [Olivia Shakespear] me deixara, nenhuma outra mulher havia entrado em minha vida e, por quase sete anos, nenhuma entrou. Eu era torturado por desejo sexual e desapontamento amoroso. [...] Quando o desejo se tornava uma tortura insuportável eu me masturbava, e isso, não importa quão moderado eu era, me fazia mal (YEATS, 1972, p. 125).

O abandono por Olivia Shakespear, que iniciara sexualmente o escritor quando este já contava trinta anos, e a conseqüente revivescência de sua antiga obsessão por Maude Gonno, catalisavam um círculo vicioso em que a ansiedade sexual o conduzia à masturbação, que, por sua vez, engendrava mais ansiedade. Se bem que reconhecesse o onanismo como corolário de sua condição celibatária, e não como um vício, Yeats era assaltado pela autopunição; afinal, cativo de um ordenamento biopolítico que valorava a masculinidade em termos de salubridade psicofísica e correção moral, o escritor identificava sua autoindulgência como índice de debilidade.

Embora o *status* de escritor canônico o alocasse no centro da elite cultural irlandesa, o onanismo, marcado pelo signo da abjeção, tornava-o ex-cêntrico. A reputação como masturbador inveterado fazia de Yeats

um alvo de escárnio social na medida em que o estereótipo do onanista solitário e incontinente contradizia um regime biopolítico organicista que atrelava a hombridade a valores como coletivismo e autocontrole. Em 1905, por exemplo, Oliver Gogarty o difamou como sexualmente imaturo e impotente por haver declinado a investidura amorosa de uma admiradora em favor do vício onanista: “Que pena, Srta. Horniman, não? / Quando queres apanhar um varão / Vais escolher logo Willie Yeats, o poeta / Que ainda bate punheta / E nada tem de garanhão” (*apud* FOSTER, 1998, p. 330).

O patriarcado, que em princípio favoreceria os homens, revela-se mutilador para aqueles heteróclitos ao padrão de masculinidade hegemônico. Alheio a esse padrão sob diversos aspectos, Yeats sofreu consequências de um paradigma biopolítico que interpretava como efeminação sua recusa a mulheres casadoiras como Horniman e sua castidade quase permanente até os 51 anos, quando finalmente se casou. Incompreendida pelos contemporâneos, sua rejeição a mulheres de fácil conquista e sua obsessão por outras de difícil acesso guarda relações com seu ideal estético, que, assentado nos protocolos do amor cortês, pressupunha que o mérito feminino consistia em representar um enigma para o homem e, assim, instigar suas faculdades imaginativas, servindo-lhe de inspiração nas Letras e Artes. Essa crença, como se verá a seguir, acabou impelindo-o à busca mais incisiva pela heteronormatividade preconizada pela biopolítica.

2

Ambivalente quanto à auto-gratificação genital, Rousseau a concebe, em *Les confessions*, como “perigoso suplemento” que “protege os jovens [...] de desordens várias, à custa de sua saúde, de seu vigor e, por vezes, de sua vida” (ROUSSEAU, 1782, p. 249). Ao apontá-la, ainda, como “grande atrativo para imaginações vívidas” (ROUSSEAU, 1782, p. 249), o filósofo nos impele à analogia entre a masturbação e a composição literária, já que uma e outra dependem da faculdade imaginativa; e entre o onanista e o escritor, pois ambos, em labor solitário, criam perso-

nagens e enredos. Preso às malhas da biopolítica, que atrela o onanismo à improdutividade, Yeats o vincula ao tolhimento da capacidade criativa por supostamente agravar sua disfunção nervosa, impedindo-lhe de escrever, e considera que o pleno exercício de sua habilidade cognitiva depende de sua orientação para a heterossexualidade: “Eu acreditava”, lembra o escritor, “que uma vez conquistado [...] a inclinação da minha mente para as mulheres e o amor eu viveria [...] em busca do saber” (YEATS, 1915, p. 81). A dupla mirada por orientação estética e sexual seria, portanto, a mola propulsora de sua carreira, de sorte que, a seu ver, quanto maior sua aproximação do paradigma de masculinidade heteronormativa, tanto maior seu êxito literário.

Entretanto, numa biopolítica que codificava a homossexualidade como “inversão” na qual a mente operaria conforme a do sexo oposto – donde a conhecida formulação “anima muliebris virili corpore inclusa”⁶ –, alguns de seus predicados mais notórios, como a introspecção, a emotividade, o preciosismo linguístico e o uso de eu-lírico feminino eram tomados como índices de efeminação e utilizados como trunfo por seus desafetos políticos e intelectuais. Dentre vários outros, Frank Fay o criticou por trazer à Irlanda uma “arte efeminada”, ponderando que em vez de “belas palavras & sons” o país carecia de “pensamento masculino” (*apud* SCHUCHARD, 2008, p. 241).

Essa reputação como efeminado motivaria alterações contundentes em seu estilo literário ao final do século XIX, quando em voga a tese apocalíptica, propalada, sobretudo, por Nordau (1895), de que a cultura finissecular perdia sua virilidade porque em franca degeneração. Ao alargar o conceito de degeneração, o médico húngaro identificava como degenerados não apenas os párias sociais como também grupos intelectuais como os pré-rafaelitas, os simbolistas e os místicos – e Yeats se vinculava aos três – por tomar suas criações literárias como sintomas de mentes adoecidas por pulsões eróticas degeneradas. Porém, em estudo sobre os limites da homofilia de Yeats, Edwards sustenta que

⁶ Tradução: “alma de mulher em corpo de homem”.

esta foi “brevemente perturbada” em meados dos anos 1890 sob efeito do escândalo protagonizado por Wilde e da teoria degeneracionista de Nordau, que o embarçou quanto à sua identidade de gênero, mas que ao final do século, restabelecido desse impacto, o literato começou a “desafiar” tal teoria (EDWARDS, 2000, p. 44). Todavia, Edwards não consultou fontes suficientes para observar que, ao invés de contestar Nordau, Yeats ratificou sua diagnose da cultura contemporânea como decadente, porque efeminada. No mesmo período em que supostamente se recompunha do impacto das teorias degeneracionistas, o escritor acentuava sua obsessão por balizas de gênero em patente demonstração de insegurança identitária. Numa conjuntura de instabilidade das fronteiras de gênero e tentativa de se restabelecer um *cordon sanitaire* entre masculinidade e feminilidade se sexualizava quase tudo, inclusive as artes. Inserido nesse sistema de representação diádico e adepto da paranoia condensada na acepção de *fin de siècle*⁷ não apenas por afinidade estética mas, principalmente, por ansiedade de gênero, Yeats se valia de estereótipos sexuais para denunciar a degeneração da literatura na viragem de século, sobretudo a poesia, definindo-a como “efeminada” devido ao seu “desgastado lirismo” (YEATS, 1962, p. 220) e enaltecer John Synge como aquele que “trouxe de volta a hombridade ao verso irlandês” (YEATS, 1936b, p. xiii).

Impactado por uma biopolítica que patologizava a figura do esteta como efeminada, Yeats vivenciava uma crise pessoal que o levaria a reavaliar sua estética. O escritor passa a almejar valores másculos, identificando-se com “os escritores masculinos” (YEATS, 1962, p. 221), e, para tanto, abandona seus pais simbólicos, substituindo-os por outros. Se nos anos 1880 enaltecia os pré-rafaelitas, agora os renega em prol do

⁷ Em conjunturas de mutação histórica irrompe, não raro, a percepção de anomia nos papéis de gênero e ameaça de colapso social, como ocorreu entre as últimas décadas do século XIX e o início do XX, intervalo sugestivamente denominado *fin-de-siècle* porque assentado na paranoia de que destrutivo surto de feminização estaria em curso no Ocidente (cf. SHOWALTER, 1990).

poeta William Blake, considerando-o o mais enérgico dos românticos. Se, também naquela década, cultuava o esteticismo de Walter Pater, agora refuta o crítico literário, desdenhando que seu ideal de cultura “só é capaz de formar almas femininas” (YEATS, 1972, p. 159), e, em contraposição, encanta-se por Nietzsche e almeja seu ideal de virilidade sintetizado na noção de Super-Homem (Übermensch). Mesmo tendo na poesia seu grande mérito literário, volta-se temporariamente para o drama por caracterizá-lo como “a busca por energia mais masculina” (YEATS, 1906, p. xii) e tenta expurgar de sua escrita tudo quanto fosse índice de efeminação, reescrevendo algumas peças com vistas à “adição do elemento masculino” (YEATS, 1962, p. 220). Todavia, essa crítica à literatura contemporânea não passa de uma forma projetiva de autocrítica, como evidencia seu *mea culpa* por não conseguir expressar devidamente seu ódio pela experiência colonial: “Eu me acuso de efeminação por não tê-lo dado expressão adequada” (YEATS, 1968, p. 519). A autopunição também é perceptível na carta de 1904 a George Russell, na qual o missivista renega sua produção poética inicial como “inviril”, condenando sua “subjetividade”, “decadência”, “fraqueza”, “exagero de sentimento” e “introspecção mulheril” (YEATS, 1954, p. 434).

O empenho de Yeats pela adequação à heteronormatividade não se deu, contudo, sem contradições que de algum modo indicam resistência às injunções da biopolítica. É revelador que, na mesma correspondência a Russell, o poeta reconheça a dificuldade em se desvencilhar da feminilidade que o atrai e o domina: “Como sempre acontece com algo por que se tem sido tentado e por que ainda o é um pouco, estou despertado por ela a uma espécie de ódio frenético completamente fora do meu controle” (YEATS, 1954, p. 434). Também elucidativos são o poema *Coole Park*, no qual o bardo se auto-referencia como “aquele que se desconcertava numa pose viril / Por todo o seu tímido coração” (YEATS, 1956, p. 96); e, sobretudo, a carta de 1936 à escritora lésbica Dorothy Wellesley, na qual o remetente, endossando a perspectiva junguiana de que homens e mulheres possuem um *quantum* do sexo oposto em sua composição psíquica, reconhece sua faceta feminina ao

declarar que “quando você atravessou a sala com aquele movimento de garoto não era um homem que olhava para você, era a mulher em mim” (YEATS, 1940, p. 108).

Ainda como indício de resistência, seu sentimentalismo romântico e sua adesão ao ocultismo, doutrina impregnada de valores considerados femininos, contradiziam sua busca por virilidade, resultando que mesmo seus vínculos heterossexuais fugiam à heteronormatividade. Embora seu ideal estético dependesse da passividade da mulher como símbolo e inspiração para o exercício de sua faculdade criativa, o poeta admirava mulheres fálicas, possuidoras do *animus* de que ressentia como contrapeso de sua *anima*. Também sua passividade em relação às mulheres, notadamente as *musas* Laura Armstrong e Maud Gonne, contradiziam o ideal biopolítico de um *self* masculino autônomo e centrado. Se bem que o conceito de musa, formulado numa matriz androcêntrica, tenha conotação estritamente simbólica, ambas não eram de modo algum passivas, pois ora o impeliam a agir e ora agiam junto com ou por ele. Enquanto no enredo esquemático dos contos de fadas o príncipe desperta a princesa do sono letárgico – gesto que em interpretação psicanalítica simboliza a passagem feminina do estado de latência para a maturidade sexual e, portanto, para a aptidão procriativa –, Yeats reconhecia que a primeira “despertou-me do sono metálico da ciência e me pôs a escrever minha primeira peça” (YEATS, 1953, p. 90), isto é, facultou-lhe a passagem da improdutividade para a fertilidade criativa. Ainda mais emblemática é sua relação com a segunda, na qual se invertem binarismos de gênero. Inapto ao perfil de masculinidade que fascinava Gonne, Yeats teve de se contentar com um “casamento místico” no qual, segundo ela, “[n]ossos filhos eram seus poemas, dos quais eu era o pai semeando a inquietude & a tempestade que os tornaram possíveis & você a mãe que os pariu em sofrimento” (YEATS; GONNE, 1994, p. 37).

Contudo, essa inversão de gênero em nível simbólico escamoteia a manutenção de assimetrias em nível material, pois, mesmo ciente de sua atuação ativa no processo criativo e do papel passivo de Yeats como receptáculo da inseminação, Gonne lhe atribui toda a autoria

dos poemas, instaurando um paradoxo cujas raízes se fundam no androcentrismo ocidental. Segundo Gilbert e Gubar, a hegemonia masculina nas Letras se sedimentou em metáforas de paternidade literária, de maneira que “o autor do texto é um pai, um progenitor [...] cuja pena é um instrumento de potência geradora tal como seu pênis” (GILBERT & GUBAR, 1979, p. 6). Diversamente do que argumentam as autoras, essa hegemonia é codificada, antes, em metáforas maternas, já que no imaginário ocidental a noção de parto como sofrimento, que remonta ao castigo imposto à mulher primordial, coaduna-se com a aceção de escrita como esforço penoso e fruto de desgastante processo de gestação, resultando que a criação intelectual é frequentemente comparada à progenitura – veja-se o termo *maiêutica* (parturição), utilizado por Sócrates, filho de parteira, para designar o “parto” das ideias. Iterando essa fantasia uterina que atribui ao homem o poder de dar à luz, o próprio Yeats equacionava o trabalho criativo ao trabalho de parto, afirmando que “[o] homem é uma mulher para seu trabalho, e ele [o trabalho] pare seu pensamento” (YEATS, 1972, p. 232). Se, como denuncia o feminismo marxista, a tarefa da reprodução/procriação segrega a mulher da esfera da produção/criação, tomar metaforicamente este último domínio, monopólio masculino, pelo primeiro sugere uma falsa conciliação entre dois epicentros cindidos pela cultura.

3

A ansiedade de gênero que atormentou o escritor por toda a vida culminaria, já na velhice, com uma última faceta que também teria implicações em sua literatura. À sua época, a masturbação figurava entre as maiores preocupações da biopolítica na medida em que, para além de supostamente causar esgotamento nervoso, constituía ameaça demográfica por redundar em impotência e esterilidade. Enquanto na metrópole especialistas apontavam como seu corolário o “encolhimento do pênis”, sustentando que, em decorrência do “vício solitário”, o membro “fica murcho” e os testículos “pendem muito mais para baixo do que o natural” (PERRY & PERRY, 1847, p. 68), também os médicos

irlandeses a relacionavam à impotência e mesmo à castração – como fez um cirurgião dublinense, que, ao discorrer sobre certa patologia infecciosa que atingia os testículos, levando à amputação, destacava o onanismo em sua etiologia (GUNN, 1906). Insuflado pelo espectro da masturbação, o horror pela impotência sexual acompanhou Yeats, de forma latente ou inequívoca, por quase toda a vida. No campo da criação literária, é sugestivo que a torre, seu principal símbolo fálico, seja evocada para metaforizar exatamente a impotência em poemas como *Blood and the Moon*, que estabelece analogia entre seu formato e o pênis mortificado ao indagar se “toda nação moderna [é] como a torre, / Meio morta no topo” (YEATS, 1929, p. 11). Já em produções ensaísticas, o literato evoca o pênis aleijado ou impotente como tropo para a esterilidade intelectual, como ao condenar a intelectualidade improdutiva dos críticos moralistas como “o equivalente intelectual da remoção dos genitais” e desdenhar que estes “contemplam toda potência criativa como os eunucos contemplam Don Juan” (YEATS, 1936a, p.112).

Sua analogia entre potência sexual e potência criativa não se restringia, contudo, aos domínios da poética e da retórica, pois Yeats compreendia a libido como élan criador, chegando a considerar que “[t]odas as artes brotavam do amor sexual” (YEATS, 1976, p. 106). A aptidão para o coito seria tão preponderante em sua carreira literária que, como afirmaria um de seus biógrafos, sexo e poesia se concatenavam em sua mente de tal modo que “[n]ão ser incapaz de fazer um significava não ser capaz de fazer o outro” (ELLMANN, 1986, p. 40). Precisamente nessa transversalidade entre gênero textual e gênero identitário reside o ponto nevrálgico também da última fase de sua carreira. Como coroamento de uma série de ironias para um homem inseguro quanto à sua hombridade, Yeats se casaria, aos 51 anos, com *George*.⁸ O casamento, que parecia finalmente ter aliviado suas ansiedades de gênero, fazendo-o reconhecer que a esposa tornara sua vida “serena e repleta de ordem” (YEATS, 1954, p. 634), acabou suscitando outro conflito, já

⁸ Nome adotado por Georgie Hyde-Lees, com quem contraiu matrimônio em 1917.

que, por ter-se casado quase na velhice com uma mulher 26 anos mais jovem, o escritor era agora atormentado pela insegurança quanto à virilidade no sentido de desempenho sexual. É revelador que, quando em voga o método pioneiro do endocrinologista vienense Eugen Steinach, notabilizado por desenvolver a vasectomia como forma de intensificar a produção de testosterona, conter o envelhecimento e restaurar a potência sexual, Yeats tenha procurado o conhecido cirurgião Norman Haire, relatado-lhe que havia perdido toda a inspiração e que desejava reaver sua potência e, por conseguinte, sua criatividade (ELLMANN, 1986). Em 1934, contando 68 anos, o escritor se submeteu à cirurgia e, embora seu efeito clínico fosse contestável, sentiu que o duplo revigoramento de sua energia sexual e criativa foi tal que se referiu a seus últimos anos como uma “segunda puberdade” (ELLMANN, 1986, p. 40). Embevecido, o poeta, que precisou se tornar literalmente estéril para se manter literariamente fértil, tratou logo de participar aos amigos seu rejuvenescimento e, poucos meses após a operação, escrevia a Virginia Woolf que “finalmente recuperei minha potência” (cf. WOOLF, 1979, p. 341); já em 1936, revelava a Olivia Shakespear: “Estou escrevendo mais e melhor do que vinha fazendo há anos” (YEATS, 1954, p. 860).

Ainda assim, Yeats não obedeceu a contento as injunções biopolíticas, tornando-se novamente alvo de gracejos nos círculos sociais dublinenses. Uma vez que Steinach supostamente implantava glândulas de macacos em seus pacientes, o literato passou a ser conhecido, após a cirurgia, pelo trocadilho “Glande Velho”, corruptela de “Grande Velho” (SQUIER, 2004, p. 300) e, mais ainda, a ser acusado de hiperestesia sexual. O mesmo Oliver Gogarty que o rotulara como impotente desta vez o ridicularizava exatamente pela incontinência ao afirmar que, após a operação, “[o] pobre tolo e velhota [...] anda agora enredado e envolvido pelo sexo” (*apud* FOSTER, 2005, p. 499). Uma vez mais Yeats era vítima dos paradoxos da biopolítica: se *a priori* da intervenção cirúrgica a impotência punha em xeque sua hombridade, agora a concupiscência, prova de fraqueza moral e, portanto, de efeminação, distanciava-o do autocontrole, outro quesito preponderante para a hombridade.

O perfil biográfico que tracei a partir de registros bioescriturais de Yeats deixa entrever uma dialética de assujeitamento e resistência em relação às injunções da biopolítica, sobretudo no que concerne à sexualidade. Ainda que o escritor procurasse se orientar conforme os ditames da heteronormatividade, seu processo de formação identitária não se deu sem contradições, pois no transcurso de toda a sua vida o poeta se viu a braços com diversas contradições que obstavam sua adequação aos paradigmas heteronormativos: interpelado por padrões de hombridade calcados na racionalidade, porém afeito ao sentimentalismo; adepto de filosofias ginófilas como o ocultismo e admirador de mulheres transgressivas, porém herdeiro de uma tradição romântica androcêntrica e simpático à estratificação de gênero; identificava-se mais com as mulheres do que com os outros homens, adotava eu-lírico feminino e se considerava mãe de seus poemas, mas se incomodava com seu caráter *efeminado* e aspirava à falicização; cultuava a passividade feminina como complementar à atividade masculina, porém sofria ação de mulheres em seu fazer poético e fora iniciado sexualmente por uma delas; aderiu à psiquiatrização da sexualidade não reprodutiva, mas praticava masturbação e não só simpatizava como convivia com homossexuais.

Essas contradições que, à primeira vista, sugerem um *self* desorientado são índices da instabilidade interna das próprias categorias identitárias. Ainda que a biopolítica legitime determinados padrões normativos, a subjetivação ocorre numa dialética entre o nível macroestrutural (da regulação) e o microestrutural (da experiência), na qual as formas de apropriação podem tanto reproduzi-los quanto transgredi-los. Por isso, tenho reservas quanto à análise pessimista de Agamben (1995), que, em contraponto a Foucault, identifica na Modernidade uma radicalização e generalização da lógica da soberania e argumenta que o estado de exceção da “vida nua” se consolidou como regra e que, portanto, a política opera mediante exercício unilateral da violência. Se, no lugar de indagarmos o que as injunções biopolíticas fazem dos sujeitos, reformularmos a questão para o que estes fazem com

o que tais injunções procuram fazer deles, podemos encontrar formas de resistência nas franjas das próprias normas. Se a desconstrução consiste na desmontagem da lógica interna das categorias e exposição de suas contradições, Yeats desconstrói a heteronormatividade no próprio esforço de cumpri-la na medida em que subverte a norma no ato mesmo de sua suposta iteração ao dismantelar oposições binárias supostamente estáveis entre masculinidade e feminilidade, hetero e homossexualidade pelo trânsito entre vértices que a cultura pressupõe como ontologicamente opostos. Assim, não obstante seu esforço em se assumir heterossexual, o escritor acaba por desorientar a orientação sexual ao flutuar numa zona de indeterminação que expõe os limites de uma biopolítica calcada em categorias taxonômicas estanques.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: Il potere sovrano e la nuda vita*. Torino: Einaud, 1995.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.
- EDWARDS, Jason. The generation of the green carnation: sexual degeneration, the representation of male homosexuality, and the limits of Yeats's sympathy. In: STEVENS, H.; STEPHENS, C. (Eds.). *Modernist Sexualities*. Manchester: Manchester University Press, 2000, p. 41-55.
- EAGLETON, Terry. *Saint Oscar*. Derry: Field Day, 1989.
- ELLMANN, Richard. W. B. Yeats's second puberty. In: _____. *Four Dubliners: Wilde, Yeats, Joyce and Beckett*. New York: George Braziller, 1986, p. 27-51.
- FOSTER, Roy. W. B. *Yeats: A life*. v. I. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- FOSTER, Roy. W. B. *Yeats: A life*. v. II. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Surveiller et Punir: naissance de la prison*. Paris: Gallimard, 1975.
- _____. *Histoire de la sexualité: La volonté de savoir*. Paris: Gallimard, 1976.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*. London: Yale University Press, 1979.

GUNN, Leveson-Gower. Tubercular Disease of the Seminal Tract. *Transactions of the Royal Academy of Medicine in Ireland*, vol. XXIV, p. 162-174, 1906.

HALPERIN, David M. *Saint Foucault: Towards a gay hagiography*. New York: Oxford University Press, 1995.

HOBBS, Thomas. *Leviathan; Or, The Matter, Forme, and Power of a Common Wealth, Ecclesiasticall and Civil*. London: Andrew Crooke, 1651.

MOSSE, George. *Nationalism and sexuality: Middle-class morality and sexual norms in modern Europe*. Madison: University of Wisconsin Press, 1985.

NANCY, Jean-Luc. *Corpus*. Paris: Métailié, 1992.

NORDAU, Max. *Entartung*. Berlin: C. Dunder, 1892.

O'FAOLAIN, Sean. *Vive Moi!: An Autobiography*. London: Hart-Davis, 1965.

PERRY, R. & L. *The Silent Friend: a medical work, treating on the anatomy and physiology of the organs of generation, and their diseases, with observations on onanism and its baneful results, including mental and sexual incapacity and impotence...* London: R. & L. Perry & Co., 1847.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Les Confessions de J. J. Rousseau*. v. I. Londres: [s.n.], 1782.

RUPAUL. *Letting it all hang out: An autobiography*. New York: Hyperion, 1995.

SCHUCHARD, Ronald. *The Last Minstrels: Yeats and the Revival of Bardic Arts*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

SHOWALTER, Elaine. *Sexual Anarchy: Gender and Culture at the Fin de Siecle*. New York, Viking, 1990.

SQUIER, Susan Merrill. *Liminal Lives: Imagining the human ant the frontiers of biomedicine*. Durham: Duke University Press, 2004.

YEATS, William Butler. Preface. In: _____. *Poems: 1899-1905*. London: A. H. Bullen, 1906, p. xi-xv.

- _____. *Reveries over Childhood and Youth*. Churchtown: The Cuala Press, 1915.
- _____. *The Winding Stair*. Ithaca: Cornell University Press, 1929.
- _____. *Dramatis personae, 1896-1902*. London: The Macmillan Company, 1936a.
- _____. Introduction. In: _____. (Ed). *The Oxford book of modern verse: 1892-1935*. Oxford: Clarendon Press, 1936b, p. xxi-xxii.
- _____. *Letters on Poetry from W. B. Yeats to Dorothy Wellesley*. London: Oxford University Press, 1940.
- _____. *Letters to Katharine Tynan*. Dublin: Clonmore and Reynolds, 1953.
- _____. *The Letters of W. B. Yeats*. London: Rupert Hart-Davis, 1954.
- _____. Coole Park and Ballylee. In: *The Collected Poems of William Butler Yeats*. New York: Macmillan, 1956, p. 96-98.
- _____. *Explorations*. New York: Collier Books, 1962.
- _____. *Essays and introductions*. New York: Collier Books, 1968.
- _____. *Memoirs*. London: Macmillan, 1972.
- _____. *The Speckled Bird*. Toronto: McClelland and Stewart, 1976.
- _____; GONNE, Maud. *The Gonne-Yeats Letters*. New York: Norton, 1994.
- WOOLF, Virginia. *The letters of Virginia Woolf*. v. 5. London: Hogarth Press, 1979.